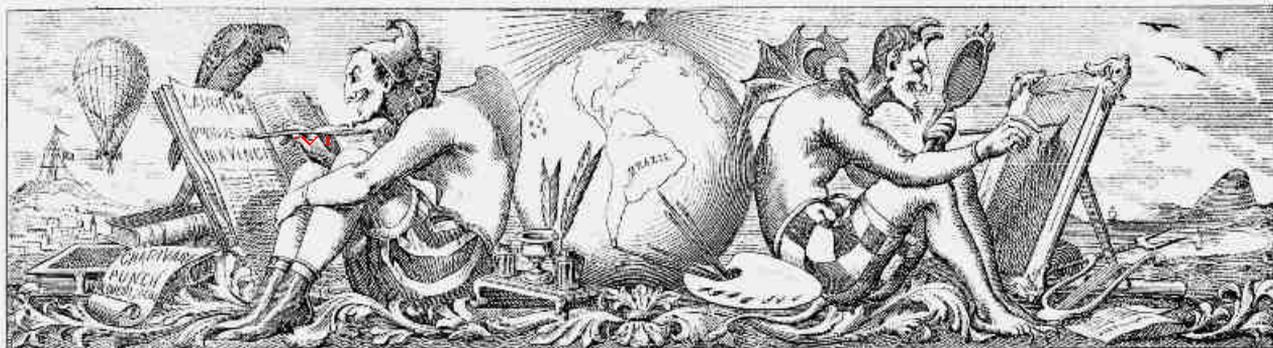


A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 73



Advertencia

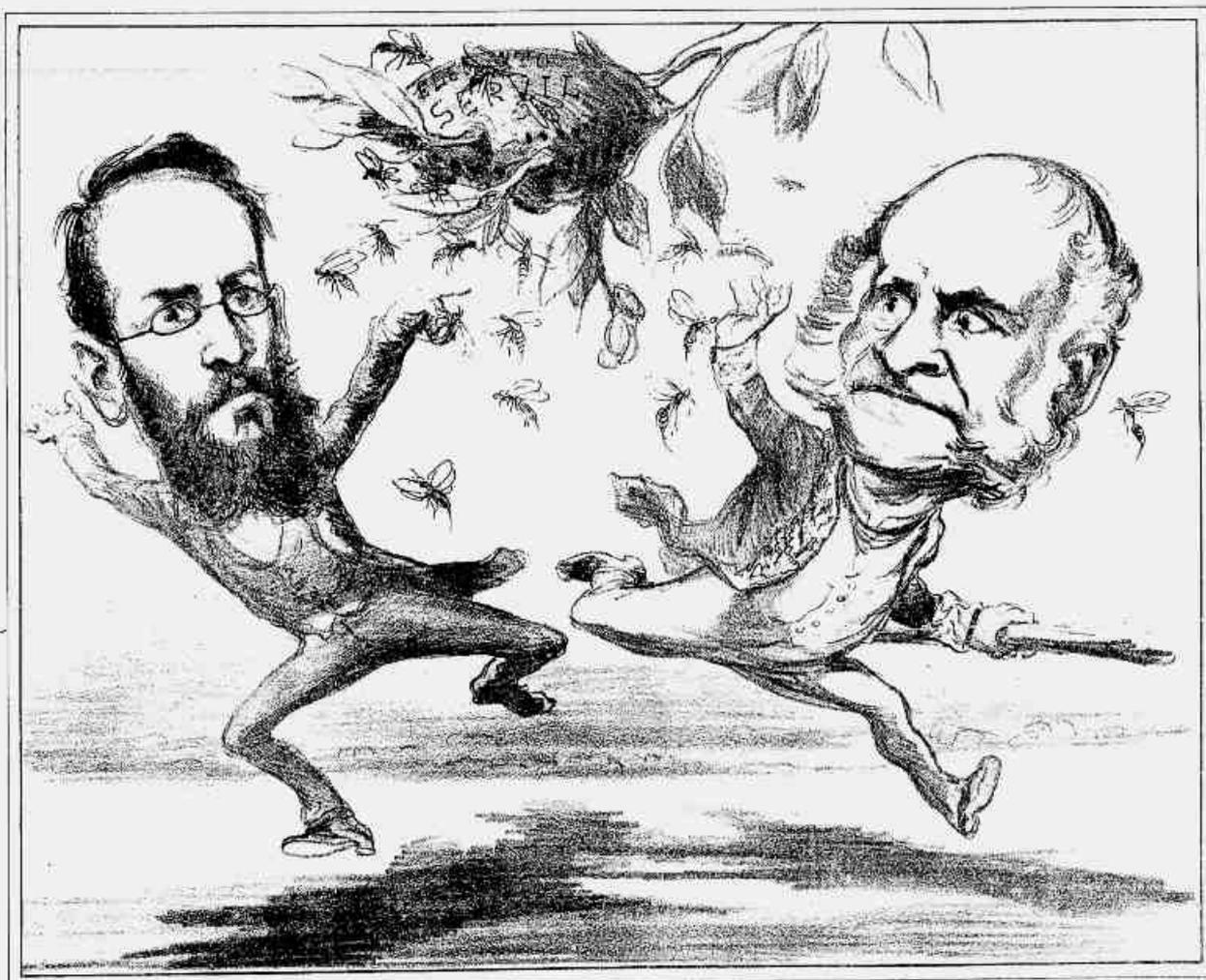
Publica-se a quem quer ser informado de todos os pontos a 3
Comedia social, de alguns de seus editores a Leitura - Rua
 do Rozario 153, Curitiba, onde se recebem as subscrições.

Preço das Assignaturas

CORTE E NITEROBY		Para as Provincias	
Anno	8 000	Anno	10 000
Semestre	As 500	Semestre	6 000
Numero Avulso	200		

Programma

A **Comedia Social**, tem por fim: **propaganda** a educacao do povo e sua regeneração physica, intellectual e moral; indicar seus direitos e inter-
 esses legitimos até hoje desatendidos, e habilita-lo por uma **luctação** lenta e pacifica a governar-se a si mesmo e fazer do Brasil uma nação grande e pro-
 tada. O meio que emprega é a **satira**, e a **critica** satirica dos vicios e abusos que corrompem a nossa sociedade, da corrupção da **politica**, da
intelligencia, da **intelligencia**, da **intelligencia** ignorancia e do **despotismo** etc.
 Na luta obvia de bem e do mal, e do mal e do bem, **humilde** porém **severo** apostolo do bem.



A MARIBOMBEIDA.

O maribombo é um bicho
 Que pertubaa a loidade
 Desta pobre humanidade.

Dizem uns, que é mão não tel-o,
 Outros que é hom matal-o
 Devagar, p'ra não irat-o.

Mas como ninguém se fia
 No feirão do tal insecto,
 E' talvez hom fãto omeito.

A COMEDIA SOCIAL

Advertencia

O gerente da Comedia Social não pde presenciar do avulso dos Srs. assignantes, para regularizar a entrega desta folha, e por isso pede nos mesmos senhores o obséquio de, no caso de qualquer falta, mandar avisos ao escriptorio da redacção, rua do Rosario n. 43, b andar.

HIJO DE JANEIRO, 22 DE JUNHO DE 1871.

Uma vocação mallograda.

(Continuação)

Pelas seis horas da manhã decidiram os seis a ficar allí durante o dia, e descer para a cidade á noite.

Estavam bastante entalmeados, e pareciam verdadeiros bichos-caretas.

Havendo necessidade de accender fogo, foi enviado o moleque para comprar phosphoros e feijão.

Os seis românticos estavam decididos a celebrar a sua estada no salto com uma feijoada.

Tambo achado umas botas de pelo, começaram a atirar-as pelo salto, a correr e a dar gritos.

O moleque demorou-se bastante, e quando voltou eram já dez horas da manhã.

A toda pressa aqueceram-se algumas travessas, fez-se café e apromptou-se o que era necessario para o almoço.

Á um pouco excitados pelas corridas dadas pelo salto e com os frequentes libações do vinho e de cerveja, os seis folgozes começaram a fazer estrepitosos bruides.

As garrafas esvaziaram-se com rapidez espantosa.

Mais depressa não se esvazia um pote de agua em casa onde se jantou bacalhau salgado.

—Ilustres socios, gritou um da sociedade, bebamos para celebrar a alegria que reina entre nós! A propria chava não ardece o nosso entusiasmo! Bebamos! O vinho remonta a gente. Esta sonda deve ser feita com estroada. Um de vossa miada como gato, outro ladarárá como cão, eu berrarei como boi, outro cantará como gallo, um gritará eia, zwei, drei, e ao fim de tudo o João Girapina cantará alguma coisa.

—Essa dita, responderam os outros, Escucharam-se os copos, e começaram a vozzeria.

Assim que esta cessou, começou o Girapina a cantar:

Ah, quem nos dera
Kai nossas tripas
Quisera mil pipas
Desta licór!
Quem for cobarde,
Saia da meza,
Que a nossa empreza
Requer valor!

Bravo, muito bem, Girapina! Bebamos mais um copo. Itapuzada, hip, hip, hurrah!

—Hurrah, repetiram todos os outros.

—Onde está o podim? gritou um deles.

—O podim é para o jantar, acedio outro.

—Não, senhor, ha de ser comer agora.

—O podim desapareceu, exclamou um dos machucazes.

—Éste é grande desafio! gritou um dos sujeitos.

—Desafio, não! Veja como falta, tornou em tom azedo o rapaz que comera o podim.

—É um abaaço, sim! Você não tem direito de comer só um podim que todos pagaram. Isto é uma ganância.

—Você não me chegou a mostrar o no mané. Olha que eu não aturo lectas.

—Qual dos senhores é o presidente desta reunião?

Esta pergunta, feita pelo inspector do quartelão, o qual acabara de entrar pela porta, foi firmoVaoomniado por dois guardas nacionaes, acalmou como por encanto, a desordem que se ia formando.

—Todos, aqui são iguues, não ha presidente!

—Irriuh, tomou o inspector, quem repr-vm it a sociedade?

—C-ada um representado a si proprio. Mas quem ha o direito?

—O inspector deste quartelão.

—Faz o favor de tomar lugar e cuhe... Faça o favor de tomar lugar e ire nós. Sirva-se de alguma coisa. Olhe, estas costeletas de porco não estão más. Um copo do vinho, Sr. inspector!

—Agradecido. Eu sou ambidextro, não bebo vinho.

—Camaradas, um pouco de cerveja, hein? disse um dos rapazes, offerecendo um copo a cada um dos guardas nacionaes.

—Ora... o Sr. inspector não bebe... respondeu um dos guardas, deitando olhos compridos para a cerveja.

—Vejam só! Vin incommodar os moços? aceresceutoi o outro guarda nacional.

—Meus senhores, começou o inspector, tenho aqui este requerimento que V. V. SS. terio a bondade de ler.

Um dos seis principiou a ler em alta voz o seguinte:

Hum, Sr. subdelegado. Os moradores do quartelão... tem vivido desde hontem á noite sobresallados, por causa de uma canella de vagalunidos que se acostaram n'uma casa da vizinhança, onde tem estado a soltar fogos prohibidos, fazendo grande algazarra e procurando incendiar a dita casa; pelo que

P. a V. S. que mande intimar aos ditos vagalunidos ordem de despejo immediato, sendo recolhidos á prisão no caso de desobediencia, E. R. Mee.

Despacho:—Cumpra-se como requerer.—O subdelegado.

—A vista disso rogo aos senhores que queiram obedecer aos ordens.

Ora, Sr. inspector, para onde havemos de ir com esse aguçante medonho?

—Não sei, mas as minhas instruções são bem terminantes.

—E a feijoada, Sr. inspector? Uma feijoada que nós vamos preparar e comer neste salto?

—Os senhores a comerem em outra parte.

—Meus amigos, exclamou o Girapina, não ha remedio, façamos das tripas coração e marchemos. Olá, ponham-se dentro do cesto as garrafas e os pratos, Sr. inspector, ás suas ordens.

—Meus senhores, siato muito que tenham soffido este incomodo; mas bem vêm...

Alguns instantes depois, apezar da chova em tormentes, desciam os seis peregrinos pela ladeira de Santa Thereza abaixo ue volta para a cidade.

O preto do cesto no meio da ladeira escore; fu e quebrou a maior parte dos pratos e das garrafas.

Ajuntis dospetiteiros rolaram na enxurrada.

Quanto aos machucazes, chegaram á cidade entalmeados e molhados na extensão da paravira. Tres apanharam uma fortissima constipação, um cahiu doente de uma bronchite, e os outros dois levaram de cama quatro dias, soffrendo horribeis dozes rheumaticas.

(Continua)

RECADOS DOS AMIGOS

Soneto

Dois ou tres, senão mais, thymorosos,
Que tempo lançado não tenho, assim a atraheim,
Ou que da sorte no infornitum cahem,
E q'querim ter conceito e numerados;

J'isto ou d'agor'a promptos caudalarios,
Hogo que a seu sabio as coisas sabem,
E, inconscientos, do que é serm abstractum,
Do sciencia a dignidade refractarios;

Fiducioso gamar, affi-sonante,
Tudo fazendo, e ainda mais fallando,
Só com repeticões e ar pedante!

Él-os, sempre em jottas se decantando,
Doitamos e estudamos, e um g'gualo,
Vindo da Europa, e aqui sempre operando!

N. S.

O incendio do arsenal.

Na madrugada de terça-feira, 13 do corrente, o arsenal de guerra da corte errou em fôrmoso, e como o estabelecimento eragrande, e se occupava de negocios multiplicados e diversos, fôrmoso-se um fogo para andar mais depressa.

O incendio foi extraordinario e rapido; logo para o que e fôrmoso ninguém mais; e em duvidado da ultima noticia, e que logo logo menos morreram logo asptiradas a sentiellas de dentro do arsenal; pois que o fogo foi somente sentido e auctualizado para o ar (fo andava por for).

O verdadeiro que a noite de 12 para 13 de Jontio foi isto irra, e um bem podiam nfo sentir o calorio, higo aquellos que estavam dentro da fogueira.

Devo se ter quantidade e realmente queimou-se muita coisa no arsenal de guerra.

Trieta mil espingardas, officinas, machinos de grande valor, finalmente alguns mil contos de reis, que hão de tornar a saber da bolsa do respeitavel publico.

Mas alguma do povo ando assalhando por ali uma noticia que eu não entendo, porque me parece absurda. Diz o povo que o incendio do arsenal q'ntitativa muita coisa que não estava no arsenal.

Ora expliquem lá semelhante sandice!...

Como quer que fosse ou seja, nem o arsenal de guerra da corte se mostrou mais limpo e puro!...

A agua lava tudo, e o fogo purifica; ora, não faltou no arsenal nem fogo de incendio, nem agua de bombas.

Ficou lavado e purificado.

Afortunada liquidação!

Isopollam-se mentiras sem conta.

Por exemplo: dizem alguns que uma bomba que estava para rebentar foi a causa do incendio; mas isso é falso; porque o arsenal por vezes se mostrava á prova de bomba.

Queiam outros que a causa do incendio fosse um bafio que cahiu no meio de caços velhos; tambem é falso; porque tudo quanto havia e se queimou no arsenal era para a guerra; esmunhada e de sujaria (Joitrafaccos).

Outros dizem que a causa do incendio foi victima de combustão espontanea des-envolvida por materias incombustiveis.

Procedem-se exames e pesquisas cuidadosas e intelligentes, nas ruinas ainda quebras.

Até hontem as cinzas e diversos objectos completamente carbonizados tinham-se neguido com invencivel pertinacia a responder aos interrogatorios.



— Dona Quilésia, dizem que todo o mal da escravatura está nas hemorroides...
 — Eu lhe creio, Dona Filibina, por isso que os doutores aconselham o ventre sempre livre.



— Que fazes Olímpia, que não chamas Alfredo a pedir a chave?
 — Minha ama, Nhonhô está dizendo que não enta enquanto não se decidir a questão da escravatura.



— Ven almoçar Venancio, que o bacalhão está esfriando.
 — É pena! porque podia servir para te esfregar as costas, ou para de algum deputado.



— Diabo! eu estava com vontade de dar uma chulipa ao Rio Branco...
 — Homem, é fácil para que não dizes a tua sobre ao Paulino?



Ídolo de todas as idades notuaes.

(As formas extensivas foram supprimidas por desnecessárias)



Ídolo da mocidade actual.

(A metade superior foi supprimida por inútil)